



Dossiê II Congresso Internacional Psicanálise e Filosofia: Psicanálise e os Labirintos da Alma

A psicologia profunda e o desmantelamento da consciência: entre a filosofia nietzscheana e a psicanálise de Freud

Depth Psychology and the Dismantling of Consciousness: Between Nietzschean Philosophy and Freudian Psychoanalysis

 Isadora Petry

Resumo: O artigo investiga o entrelaçamento conceitual entre a filosofia de Friedrich Nietzsche e a metapsicologia freudiana, com ênfase na noção de psicologia profunda [*tiefenpsychologie*]. A partir da análise das obras de ambos os autores, argumenta-se que, apesar das reservas declaradas por Freud em relação à filosofia, há ressonâncias significativas entre seus pensamentos. O trabalho destaca como Nietzsche, ao desconstruir a ideia de um Eu unificado e criticar os fundamentos metafísicos da consciência, antecipa formulações cruciais da teoria psicanalítica, particularmente no que diz respeito à constituição do aparelho psíquico e aos mecanismos de repressão e esquecimento. Ao comparar a genealogia nietzschiana com os conceitos freudianos de inconsciente, sintoma e resistência, o artigo propõe uma aproximação crítica entre filosofia e psicanálise, ressaltando a relevância da psicopatologia como via privilegiada para a compreensão da subjetividade. Por fim, o texto defende que a filosofia nietzschiana opera como uma antecipação teórica da psicanálise crítica, oferecendo contribuições relevantes para a reformulação dos conceitos de saúde, doença e normalidade à luz de uma abordagem não normativa da existência humana.

Palavras-chave: psicologia profunda; metapsicologia; Genealogia da Moral; inconsciente; subjetividade.

Abstract

This article investigates the conceptual interweaving between Friedrich Nietzsche's philosophy and Freudian metapsychology, focusing on the notion of depth psychology. Through the analysis of both authors' works, it is argued that, despite Freud's declared reservations regarding philosophy, particularly the metaphysical tradition initiated by Plato, there are significant resonances between their thoughts. The study highlights how Nietzsche, by deconstructing the idea of a unified self and criticizing the metaphysical foundations of consciousness, anticipates crucial formulations of

psychoanalytic theory, especially concerning the constitution of the psychic apparatus and the mechanisms of repression and forgetting. By comparing Nietzschean genealogy with Freudian concepts such as the unconscious, symptom, and resistance, the article proposes a critical rapprochement between philosophy and psychoanalysis, emphasizing the relevance of psychopathology as a privileged path to understanding subjectivity. Finally, the text argues that Nietzschean philosophy functions as a theoretical anticipation of critical psychoanalysis, offering valuable contributions to reforming the concepts of health, sickness, and normality in light of a non-normative approach to human existence.

Keywords: depth psychology; metapsychology; Genealogy of Morals; unconscious; subjectivity.

1. Introdução

Não é de hoje que a psicanálise se aproxima da filosofia, seja em diálogo fraterno, seja combatente, não podemos negar o crucial entrelaçamento da psicanálise com a filosofia, desde seus primórdios. Sigmund Freud, quando era ainda um jovem aluno de medicina na Universidade de Viena, assistia com vivaz interesse as aulas do filósofo Franz Brentano. Desse interesse de Freud pela filosofia é que deriva, mais tarde, as famosas “reuniões das quartas-feiras” da *Sociedade Psicanalítica de Viena*, onde Freud se reunia em seu consultório com Otto Rank, Adler, Hitschman, Lou Andréas Salomé, dentre outros membros do círculo psicanalítico de Viena, para estudar filosofia, em especial, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche.

Segundo o trabalho realizado por Paul Laurent-Assoun, a conjunção Freud e Nietzsche

[...] foi percebida e autorizada há muito tempo, a bem dizer desde a origem da psicanálise, desde que foram descobertas ressonâncias de uma obra e de um verbo na outra. Como não perceber, pelo menos intuitivamente, até que ponto tal ou qual enunciado nietzschiano não “soa freudiano”? Por isso se teceu sem cessar o fio dessa analogia, a ponto de fazer dela um lugar-comum. Essa tentação já é em si mesma um fato que une, mesmo contra sua vontade, o fundador da psicanálise a este grande “precursor”. (Assoun, 1989, p. 9)

Se a analogia Freud-Nietzsche, Nietzsche-Freud pode, por vezes, tornar-se um lugar comum, demasiadamente visitado, isso não atesta para a obviedade das aproximações, mais ainda, para os conflitos que as permeiam. Talvez o problema esteja na origem, como pensa todo bom genealogista. Afinal, o próprio fundador da psicanálise, ao mesmo tempo em que conferia ao filósofo a qualidade de “precursor” de suas teses, igualmente se esforçava por demonstrar o contrário, esquivando-se de declarar as implicações de Nietzsche na construção do edifício de sua Metapsicologia. Em *A História do Movimento Psicanalítico* (1914/1996, p. 26), diz ter negado a si mesmo “o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise”. Dez anos depois, quando, portanto, o edifício da metapsicologia já estava suficientemente construído, Freud já não mais se esquivará em declarar, em sua *Autobiografia* (1925), que “Nietzsche [era], o outro filósofo cujas intenções e percepções frequentemente coincidem de modo espantoso com os laboriosos resultados da psicanálise” (Freud, 1925/2011, p. 148).

Não por acaso, nas atas das reuniões do ainda jovem *Círculo psicanalítico de Viena*, o nome de Nietzsche aparece ao menos duas vezes no ano de 1908, na ocasião da leitura de *A Genealogia da Moral*. Em um desses encontros sobre o “caso Nietzsche”, tal como era nomeado pelos participantes,

Freud, porém, “insiste antes de mais nada em sua relação singular com a filosofia, cuja natureza abstrata lhe é tão antipática que finalmente renunciou a estudá-la”. Mas isso é “anunciar de saída que só poderia tratar-se, para Freud, de um discurso – sobre Nietzsche, neste caso – analítico” (Assoun, 1989, p. 19). Diz não conhecer a obra de Nietzsche, “mas isto não significa falta de interesse, muito ao contrário, suas ‘tentativas ocasionais de lê-lo foram sufocadas por um excesso de interesse’” e “adverte-nos, porém, de que sua singular relação com Nietzsche não é senão o eco de sua singular relação com a *coisa* filosófica” (Assoun, 1989, p. 19).

A *coisa* filosófica à qual Freud se refere é precisamente a filosofia de tradição dogmática e metafísica cujo umbral remonta à Sócrates e Platão e se segue até o Idealismo alemão, englobando os pensadores medievais, Descartes, Leibniz e os fundadores da filosofia moderna (Giacioia Jr., 2001). Os esforços filosóficos de Nietzsche se voltaram a essa tradição, de modo a criticamente desmontá-la e derrubá-la com seus empreendimentos filosóficos e genealógicos, implodindo a noção de Eu como categoria soberana e autônoma que garantiria a unidade da consciência.

Cabe dizer que esta filosofia, por sua vez, tem como sua herdeira todo o Idealismo Alemão desde Kant e a problemática da *Weltanschauung*, ou seja, da filosofia como visão de mundo. Na conferência 35, proferida durante seu posto como professor na Universidade de Viena, Freud reconhece os “sistemas filosóficos”, como ele mesmo chama, como proposições de uma *Weltanschauung*, mas que, todavia, não passariam de uma ilusão, tal como ele a apresenta a partir do poema de Heinrich Heine – poeta igualmente adorado por Nietzsche –, que diz: “Com seus barretes de dormir e com os trapos de seu roupão de noite ele remenda as falhas do edifício do universo” (Heine *apud* Freud, 1933a/1996, p. 169). A preocupação do filósofo seria, nessa perspectiva, a de “apresentar um quadro do universo que seja sem falhas e coerente” (Heine *apud* Freud, 1933a/1996, p. 168), e a filosofia, por sua vez, não poderia nos fornecer outra coisa senão um saber sobre o mundo e a realidade, uma visão de mundo sem técnica ou métodos capazes de operar transformações.

Sob tal perspectiva, de fato, a filosofia não passaria de uma ilusão, e os filósofos, em suma, recusariam a realidade e tudo que a acompanha, ao almejarem construir seus perfeitos edifícios do conhecimento: corpo, mundo, seriam xingamentos, expulsos do mundo das Ideias, o mundo dos filósofos dogmáticos.

2. Nietzsche e Freud na implosão do Eu

Ora, se Freud admite que sua singular relação com a filosofia de Nietzsche é apenas o eco de suas ressalvas com a *coisa* filosófica, portanto, a filosofia dogmática e metafísica da *Weltanschauung*,

teria Freud desprezado, desconhecido, ou esquecido do pilar fundamental da filosofia nietzscheana? A saber, seu empreendimento crítico-genealógico dos processos de formação da consciência, que têm em seu cerne o compromisso com o desmoronamento das categorias que fundamentavam os edifícios da metafísica e a transvaloração dos valores? Em suma, a construção da genealogia como ferramenta do psicólogo das profundezas? Cabe a nós, segundo a ênfase apontada por Dunker (2024), compreender a importância de se

[...] entender a metafísica como uma necessidade psíquica a ser curada, fonte e origem do mal-estar e do ressentimento. Tal programa, na sua face nietzschiana, convoca uma psicopatologia que seja ao mesmo tempo crítica da cultura, política de transformação radical e combinação entre ética e ontologia. (Dunker, 2024, p. 26)

Pois é Nietzsche quem, dentre os filósofos, faz o diagnóstico da decadência que se ancorava por trás de todas as sublimes construções filosóficas, ao dizer que

[...] toda dogmatização em filosofia, não importando o ar solene e definitivo que tenha apresentado, não [é] mais que uma nobre infantilidade e coisa de iniciantes; e talvez esteja próximo o tempo em que se perceberá quão pouco bastava para constituir o alicerce das sublimes e absolutas construções filosóficas que os dogmáticos ergueram – alguma superstição popular de um tempo imemorial (como a superstição da alma, que, como superstição do sujeito e do Eu, ainda hoje causa danos), talvez algum jogo de palavras, alguma sedução por parte da gramática, ou temerária generalização de fatos muito estreitos, muito pessoais, demasiado humanos. (Nietzsche, 1886/2005, p. 7)

É com Sócrates e Platão que tal filosofia de tradição dogmática e metafísica se inicia, mais precisamente, com a “invenção platônica do puro espírito e do bem em si”. Ao eleger a Razão, mais precisamente, a “racionalidade a todo custo” como única salvadora, elege-se enquanto germe a possibilidade de um Eu como unidade da consciência, o que se perpetuará, com suas diferentes nuances, por toda a tradição filosófica da modernidade – até que Nietzsche a derrube. Tanto Freud, quanto Nietzsche, implodem a noção de Eu, até então identificada como a unidade da consciência.

Em *Além do bem e do mal*, livro anterior à *Genealogia da Moral* e, portanto, que compõem o projeto nietzscheano de filosofia como psicologia das profundezas, dirá: “um pensamento vem quando “ele” quer, e não quando “eu” quero; de modo que é um *falseamento* da realidade efetiva dizer: o sujeito “eu” é a condição do predicado “penso”. Isso pensa [*Es denkt*]: mas que este “isso” seja precisamente o velho e decantado “eu” é, dito de maneira suave, apenas uma suposição, uma afirmação, e certamente não uma “certeza imediata”. E mesmo com o “isso pensa” já se foi longe demais; já o isso contém uma *interpretação* do processo, não é parte do processo mesmo. Aqui se

conclui segundo o hábito gramatical: “pensar é uma atividade, toda atividade requer um agente, logo” (Nietzsche, 1886/2005, p. 22).

Trata-se, para Nietzsche, de um erro e de uma superstição dos filósofos e lógicos de até então, acreditar que o pensamento seja o efeito do Eu, como se houvesse uma suposta unidade da consciência que nos fosse inata. Pelo contrário, para Nietzsche, o “velho e respeitável” Eu é apenas aquilo que nomeamos como a nossa pessoa, em suma, um emaranhado de pensamentos – e também querer, vontades, afetos, *Trieben*, na acepção nietzscheana – e percepções, de modo que podemos dizer “Eu penso”/“Eu quero” apenas com o auxílio da nossa crença na gramática. O problema é que invertemos o processo: teríamos confundido agentes e atos, acreditando que o Eu seja condição do pensamento, e não efeito. A conhecida sentença freudiana, “O Eu não é senhor em sua própria casa”, se encontra antecipada no aforismo nietzscheano, de modo que entre O Eu e o Isso [*Das Ich und das Es*], encontra-se *Além de bem e mal*.

Nesse mesmo livro, que serve como preparação para sua tarefa genealógica, dirá que a psicologia, entendida como psicologia profunda, isto é, como psicologia capaz de navegar para além do suposto primado da unidade da consciência, deve ser reposicionada como “rainha das ciências, para cujo serviço e preparação existem as demais ciências. Pois a psicologia é, uma vez mais, o caminho para os problemas fundamentais” (Nietzsche, 1886/2005, p. 28). Esses problemas fundamentais são, para Nietzsche, precisamente aqueles que se encontram enredados no labirinto da moral, cuja genealogia remonta à formação da consciência, em suma, à relação entre memória, linguagem e sociabilidade.

3. Psicopatologia e Consciência: ecos nietzscheanos na clínica freudiana

Em *Ecce Homo*, livro igualmente lido nas quartas-feiras do círculo vienense, Nietzsche ainda confere a si mesmo o título de primeiro psicólogo, colocando-se à parte dos demais filósofos: “Quem, entre os filósofos, foi antes de mim *psicólogo*, e não o seu oposto, ‘superior embusteiro’, ‘idealista’? Antes de mim não havia absolutamente psicologia” (Nietzsche, 1888/2011, p. 106). Oswaldo Giacoia Junior, em seu célebre livro *Nietzsche como psicólogo*, defende que o filósofo se considera o primeiro psicólogo da Europa porque sua proposta de psicologia

[...] consiste, no essencial, em “desconstruir, ou dito de maneira mais radical, em destruir essas pilastras metafísicas sobre as quais se assentava não somente a psicologia racional, como também as bases teóricas da psicologia em geral, pelo menos até o momento em que Nietzsche escreve sua obra” (Giacoia Jr., 2001, p. 22)

Por psicologia profunda, Nietzsche entende uma “espécie de exame para além do suposto primado da consciência”, de modo que a investigação sobre as formações da consciência – ou do aparelho psíquico –, sua genealogia propriamente, é o que está na base da proposta filosófica de Nietzsche e da metapsicologia freudiana.

Não por acaso, em uma tímida, porém eficaz nota de rodapé de seu texto publicado em 1901 e depois em 1904, *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud, ao falar dos mecanismos que impelem ao esquecimento e da conflitiva entre memória e afeto, dirá: “Nenhum de nós conseguiu figurar o fenômeno [do esquecimento/das resistências] e seu fundamento psicológico de maneira tão exaustiva e, ao mesmo tempo, tão impressionante quanto Nietzsche em um de seus aforismos” (Freud, 1901[1904]/2023, p. 205). O aforismo ao qual Freud se refere se encontra em *Além do bem e do mal* e diz o seguinte: “‘Eu fiz isso’, diz minha memória. ‘Eu não posso ter feito isso’, diz meu orgulho, e permanece inflexível. Por fim – a memória cede” (Nietzsche, 1886/2005, p. 62). Nesse “aforismo-relâmpago”, como comenta Assoun, Nietzsche antecipa algo de que Freud se ocupava naquele momento: precisamente, a descoberta de que o esquecimento não é uma falha da memória, mas possui um sentido e um significado. Freud se refere aos numerosos e extensos estudos mais recentes publicados no *Arquivo de Antropologia Criminal e Criminalística – Para a psicologia do esquecimento na mente – e doenças dos nervos*, e afirma que, “entre nós”, teria sido Nietzsche quem melhor explicou o fenômeno. Nesse momento, o filósofo é curiosamente colocado por Freud junto a ele e os demais que faziam parte do seu círculo psicanalítico. No que diz respeito ao genealogista Nietzsche, Freud parece, portanto, levá-lo bastante a sério.

Alguns anos depois, o aforismo nietzscheano se insinua entre Freud e seu paciente Ernst Lanzer, mais conhecido como “o homem dos ratos”, que o recordará em uma de suas sessões com o psicanalista precisamente para traduzir o seu próprio conflito. Não temos como saber se o aforismo nietzscheano invade a sessão seja pela leitura que o paciente fizera de *Psicopatologia da vida cotidiana*, seja pela leitura de *Além do bem e do mal*. O que importa aqui, para nós, é que o fato de

[...] a neurose conseguir pensar-se a si mesma no aforismo nietzschiano ilustra de modo inesperado o alcance psicológico que Freud lhe atribuía: a tal ponto que o verbo nietzschiano se insinua entre Freud e seu objeto. Isso sela simbolicamente o comércio dos dois pensamentos. (Assoun, 1989, p. 73)

O comércio entre estes dois pensamentos apontaria, nesse sentido, não apenas para o fato de que a filosofia nietzscheana deixa rastros que podemos perseguir com acuidade na metapsicologia freudiana; porém, mais ainda, evidencia em que medida e extensão há um significado filosófico da

histeria e das neuroses em geral, ao mesmo tempo em que há um significado filosófico da psicanálise (Van Haute e Geyskens, 2016).

Em seu livro *A Gaia Ciência*, um dos esforços primordiais de Nietzsche diz respeito a pensar a dialética saúde-doença/normal-patológico sob outra perspectiva que não seja a dos pressupostos dogmático-metafísicos da ciência positivista. No aforismo 354 do referido livro, Nietzsche dirá então que:

Consciência é, na realidade, apenas uma rede de ligação entre pessoas – apenas como tal ela teve que se desenvolver: um ser solitário e predatório não necessitaria dela. O fato de nossas ações, pensamentos, sentimentos, mesmo movimentos nos chegarem à consciência – ao menos parte deles –, é consequência de uma terrível obrigação que por longuíssimo tempo governou o ser humano: ele precisava, sendo o animal mais ameaçado, de ajuda, proteção, precisava de seus iguais, tinha de saber exprimir seu apuro e fazer-se compreensível – e para isso tudo ele necessitava antes de “consciência”, isto é, “saber” o que lhe faltava, “saber” como se sentia, “saber” o que pensava. Pois, dizendo-o mais uma vez: o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna consciente é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: – pois apenas esse pensar consciente, ocorre em palavras, ou seja, signos de comunicação, com o que se revela a origem da própria consciência. Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (não da razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si da razão) andam lado a lado. (Nietzsche, 1882-1887/2001, p. 249)

Compreender, portanto, que existem pensamentos que entram na consciência, mas que não são, a priori, conscientes, já é compreender que há, de partida, ao menos dois sistemas no psiquismo. Aquilo que chega à consciência e que nomeamos como pensamento é, para Nietzsche, apenas uma parte do que somos, e a mais superficial delas. A consciência é superfície, dirá em *Ecce Homo* (Nietzsche, 1888/2011, p. 46), e o “conhece-te a ti mesmo”, tal como proferido por Sócrates, “seria a fórmula para a destruição”. A verdadeira “sensatez” residiria, portanto, nos esquecimentos, no “*mal-entender-se*”. Ou seja, naquilo que Freud relatou como a via régia de acesso ao inconsciente: os sonhos, os atos falhos, os chistes, os esquecimentos.

4. Saúde, Doença e Transvaloração: filosofia e psicanálise crítica

Há uma convergência fundamental entre Nietzsche e Freud, em que me parece, sem correr o risco de certo exagero, ser impossível dissociar a filosofia nietzscheana dos esforços da metapsicologia freudiana: esta se dá a partir da ideia que ambos têm da relação entre saúde e doença, normal e patológico. No aforismo de *Gaia Ciência*, intitulado *A saúde da alma*, Nietzsche dirá:

A apreciada fórmula de medicina moral (cujo autor é Ariston de Quios), “A virtude é a saúde da alma” – deveria ser modificada, para se tornar utilizável, ao menos assim: “Sua virtude é a saúde de sua alma”. Pois não existe uma saúde em si, e todas as tentativas de definir tal coisa fracassaram miseravelmente. Depende do seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, seus erros e, sobretudo, dos ideais e fantasias de sua alma, determinar *o que* deve significar saúde também para o seu corpo. Assim, há inúmeras saúdes do corpo; e quanto mais deixamos que o indivíduo particular e incomparável erga a sua cabeça, quanto mais esquecermos o dogma da “igualdade dos homens”, tanto mais nossos médicos terão de abandonar o conceito de uma saúde normal, juntamente com dieta normal e curso normal da doença. E apenas então chegaria o tempo de refletir sobre saúde e doença da *alma*, e de situar a característica virtude de cada um na saúde desta: que numa pessoa, é verdade, poderia parecer o contrário da saúde de uma outra. Enfim, permaneceria aberta a grande questão de saber se podemos *prescindir* da doença, até para o desenvolvimento de nossa virtude, e se a nossa avidez de conhecimento e autoconhecimento não necessitaria tanto da alma doente quanto da sadia; em suma, se a exclusiva vontade de saúde não seria um preconceito, uma covardia e talvez um quê de refinado barbarismo e retrocesso. (Nietzsche, 1882-1887/2001, p. 144)

O que significa saúde, portanto, só pode ser avaliado a partir da perspectiva singular de cada existência, e não a partir de um denominador universal, visto sob o ângulo de um observador externo. Ao dizer que “sou um *décadent*, sou também o seu contrário [...] como totalidade eu era sadio, como ângulo, como especialidade era *décadent*”, Nietzsche faz uso da terminologia médica e literária do século XIX francês, com a qual dialogava (Charcot, Féré, Claude Bernard, Baudelaire, Paul Goncourt, dentre outros); ao mesmo tempo em que lança luz sobre fato de a doença não ser o negativo da saúde ou de uma suposta normalidade. Em outro momento (Petry, 2024) já pude mostrar como entre saúde e doença haveria, portanto, uma relação valorativa, uma gradação, apenas uma *nuance*, assim como entre as cores de um mosaico, não há uma oposição necessária, mas apenas uma nuance quantitativa. Em uma paleta de cores, o que diferencia uma cor de outra é a gradação de matizes entre elas, precisamente, a gradação de valores (Goethe, 2013). Nuances são, pois, gradações de valores. Para uma tarefa como a da transvaloração dos valores é preciso, primeiramente, fundamentar a relação entre saúde e doença fora do paradigma médico-positivista que pairava sobretudo entre os séculos 18 e 19, mas que carrega efeitos até os nossos dias, quando vemos, por exemplo, constantes acréscimos no número de “disorders” no DSM. Para o psicólogo Nietzsche, a doença é um problema filosófico: “Para um psicólogo, [dirá], poucas questões são tão atraentes como a da relação entre filosofia e saúde, e, no caso de ele próprio ficar doente, levará toda a sua curiosidade para a doença” (Nietzsche, 1882-1887/2001, p. 10).

Operar uma transformação de valores na relação entre saúde e doença se torna um problema filosófico a partir do momento em que tomamos tais categorias não como definições de uma psicogênese (Van Haute e Geyskens, 2016); de igual modo, quando admitimos que a doença não é

causada por uma deficiência orgânica ou uma falha no desenvolvimento, mas que ela possui um significado para o genealogista que quer escutar além da fachada [*Vordergrund*], dirá Nietzsche, ou além do sintoma, como fez Freud, ao empreender uma “antropologia clínica”:

Freud mostra que apenas poderemos compreender adequadamente a existência humana se a observarmos em suas variações patológicas. De acordo com esse modelo, a patologia expressa, de maneira exagerada, as forças e tendências que formam e determinam nossa existência. Aqui, portanto, a psicopatologia não aparece como o negativo de uma suposta normalidade. Em vez disso, ela nos mostra os elementos estruturantes da existência humana. (Van Haute e Geyskens, 2016, p. 11)

Freud, desde os primórdios de sua escuta da histeria, faz implodir certas categorias da antropologia médica e filosófica tradicional, que pensavam o adoecimento exclusivamente como negação da saúde psíquica, e o Eu como unidade da consciência. Em sua conhecida metáfora do cristal, mostra como a patologia, de modo bastante próximo a Nietzsche, é apenas uma espécie de lente de aumento pela qual é possível examinar os elementos estruturantes da existência humana:

Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo. (Freud, 1933b/1996, pp. 68-69)

5. Conclusão

Seria a filosofia nietzscheana, na medida em que a compreendemos como psicologia das profundezas, ou seja, morfologia das vontades de poder e genealogia da má-consciência moral, uma espécie de antecipação da metapsicologia freudiana? É evidente que Nietzsche não chegou a formular uma elaboração tópica, dinâmica e econômica do que em Freud se chamará “aparelho psíquico”, portanto, não se trata de pensar os correlatos de uma teoria com a outra, correndo o risco de realizar um achatamento bruto. Nietzsche tampouco formulou uma teoria da *identificação* como elaboração do modelo parental, aos moldes de Freud, ainda que existam diversas aproximações em suas teorias, como vemos entre *A genealogia da moral*, *Totem e Tabu* e *O mal-estar na cultura*. De igual modo, não encontramos em Nietzsche o modelo de um terceiro – o/a analista – situado junto ao paciente e seu desejo. Porém, ao derrubar o saber dogmático-metafísico que residia na base do *establishment* médico-psiquiátrico, propondo uma transformação na compreensão de subjetividade, normalidade e

patologia, entendo também a formação da consciência no entrelaçamento entre cultura, subjetividade, e linguagem, a psicologia profunda de Nietzsche é ferramenta fundamental para uma psicanálise crítica.

Referências

- Assoun, P.-L. (1989). *Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense.
- Dunker, C. (2024). O problema da ontologia em psicanálise. Notas sobre o pensamento de Oswaldo Giacoia Jr. In I. Petry e J. Ponciano (Org.), *Meu caro Oswaldo Giacoia. Quando o verdadeiro filósofo é o professor*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Giacoia Junior, O. (2001). *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos.
- Goethe, J. W. (2013). *Doutrina das cores*. São Paulo: Nova Alexandria.
- Freud, S. (1914). A História do Movimento Psicanalítico. In *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. Vol. XIV (1914-1916). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira* (pp. 18-76). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1925). Autobiografia. In S. Freud, *Obras Completas – Vol. 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 75-167). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Freud, S. (1933a). Conferência XXXV. A questão de uma Weltanschauung. In *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos, Vol. XXII (1932-1936)* (pp. 167-192). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1933b). Conferência XXXI. A Dissecção da Personalidade Psíquica. In *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos, Vol. XXII (1932-1936)* (pp. 67-90). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Freud, S. (1901[1904]). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- Nietzsche, F. (1886). *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Nietzsche, F. (1882-1887). *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Nietzsche, F. (1888). *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Petry, I. (2024). *Afetos em mosaico: para uma fisiopsicologia da decadência em Nietzsche*. Curitiba: Kotter.

Van Haute, P. e Geyskens, T. (2016). *Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. (Trad. Mariana Pimentel). Belo Horizonte: Autêntica.